

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 21 | N. 36 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.2>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Dossiê TV Pública

**Kitsch: ética, estética e
gosto popular**

Solange Wajnman

P. 115

**TV Pública:
Culturas e Regionalidades**

Ana Luiza Coiro Moraes e Nádia Maria Weber Santos

P. 27

**A cidade, a vida nervosa e
as doenças mentais**

Denise Cristina Ayres Gomes e Roberto Ramos

P. 126

A potência pedagógica da cultura visual

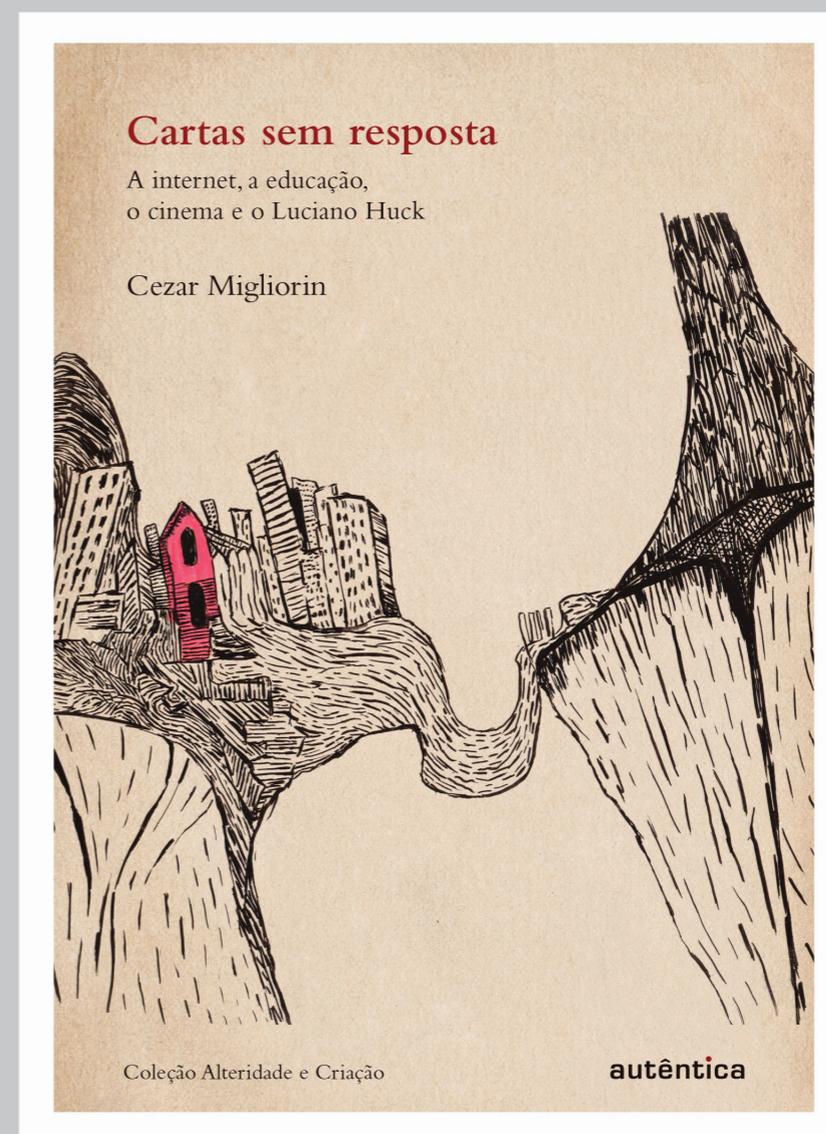
The pedagogical power of visual culture

Sabrina da Silva Gava¹ 



RESENHA

Resenha da obra: MIGLIORIN, Cezar. **Cartas sem resposta: a internet, a educação, o cinema e o Luciano Huck**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.





ASSISTA AO VÍDEO



Trecho do quadro Lar Doce Lar

Escrita em forma de cartas, a obra de Cezar Migliorin² busca dialogar com diferentes personalidades identificáveis no meio cultural sobre a televisão, o cinema e a internet – universos midiáticos nos quais a sociedade é construída e que lidam com as formas das pessoas serem vistas e se verem, com as formas de ser e de se pensar hoje.

Lançado em 2015, durante a 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP), o livro é na verdade uma tentativa de fazer com que o leitor perceba os pressupostos políticos e subjetivos que estão latentes nos programas de TV, filmes, matérias de jornal e até em conversas de bar, e reflita sobre a possibilidade de se pensar novos conhecimentos, a partir de uma aproximação entre Educação, Cinema e Mídias Contemporâneas. Questões que, muito bem articuladas e embasadas, vão se expandindo

e se correlacionado nas seis cartas que integram a obra – verdadeiros ensaios críticos que envolvem a filosofia e a teoria da imagem.

A primeira carta destina-se ao apresentador Luciano Huck. Nela, Migliorin faz uma crítica respeitosa ao programa *Lar Doce Lar*, uns dos quadros pertencentes ao programa *Caldeirão do Huck*, que é produzido e exibido pela Rede Globo. Como se fosse um amigo, o autor critica a forma como a equipe do programa adentra a casa dos participantes, destruindo e modelando a mesma. Para o autor, é violenta a presença da Globo na casa dos participantes, uma vez que a equipe do programa desfaz o trabalho de uma vida inteira, eliminando marcas subjetivas e pessoais. Assim, “No lugar do lar se cria um espaço espetacularizado à imagem da emissora” (Migliorin, 2015, p. 23). Nesse espaço, novos gostos estéticos são adquiridos e novas formas de consumo são induzidas. A comunidade desaparece, na medida em que as outras casas do bairro não são filmadas e os vizinhos são isolados por grades, a maioria impossibilitada de participar da cena. O pior tudo é que o apresentador parece ter consciência disso, mas prefere justificar a ação da emissora com cinismo: “destruímos a história, destruímos o trabalho dos outros, destruímos a poesia porque somos a Globo e a gente faz” (Migliorin, 2015, p. 22). Nesse ponto, as reflexões que Migliorin propõe ao apresentador e ao leitor são as seguintes: a Globo faz, mas a que custo? A custo dos participantes perderem a própria identidade? A custo de serem colocados como o outro de classe, o desfavorecido cuja história é espetacularizada para fazer render audiência? Segundo a lógica do programa, é essa história sofrida que faz com que os participantes mereçam a casa nova – mas isso significaria dizer que as outras pessoas da comunidade não têm histórias suficientemente boas

para também merecerem uma casa nova? Migliorin termina a carta convidando o apresentador a conhecer o seu laboratório de pesquisa, a fim de estreitar laços entre a universidade (ambiente de discussões acerca do audiovisual e do outro) e o programa (que trabalha com o documentário, consequentemente, com pessoas reais, que vibram e sofrem de verdade).

A segunda carta destina-se ao cineasta Newton Cannito. Nela, Migliorin faz uma crítica ao documentário *Jesus no Mundo Maravilha* (Newton Cannito, 2007), um filme que se sustenta nas histórias de três ex-policiais militares que trabalham num parque de diversões; de um casal que chora a perda do filho, negro, morto pela polícia e a de um palhaço que passa o tempo todo negociando sua participação no documentário. Num primeiro momento, o autor elogia o filme, dizendo que ele “é monstruoso, com as seduções que podem ter os monstros” (Migliorin, 2015, p. 29). A meu ver, um elogio que diz respeito, sobretudo, à ironia com que o roteirista trata a violência e o combate à criminalidade, o velho



ASSISTA AO VÍDEO



Trecho do documentário Jesus no Mundo Maravilha



jogo entre polícia e ladrão. Nesse jogo, quem é o policial, quem é o bandido e quem é o palhaço da história? Cada um tem a sua versão, a sua posição que tende a eliminar a do outro e é aí que surge a primeira crítica de Migliorin: o roteirista parece não acreditar nas palavras de seus próprios personagens. “Por isso elas podem ser confrontadas com o carrossel, com a trilha do circo, com os jogos de guerra, com os efeitos cômicos” (Migliorin, 2015, p. 29). O autor critica mais alguns pontos a esse respeito, mas nada comparável à crítica que faz sobre a participação do palhaço no documentário. Submetido ao poder da imagem e da mídia, o palhaço é obrigado a escutar do roteirista: “Por que eu estou te entrevistando?”, “Eu não te chamei para estar aqui [...]” (Migliorin, 2015, p. 38-39). Segundo Migliorin, a violência e o desprezo que o roteirista parece alimentar por aquele homem banal o faz desejar que o mesmo seja destruído com a imagem em que tanto deseja estar – um fim bastante comum para aqueles que veneram os meios de comunicação de massa.

A terceira carta destina-se ao escritor Bernardo Carvalho. Nela, Migliorin faz uma crítica ao artigo intitulado *Em defesa da obra*, que foi publicado na revista *Piauí*. Partindo “do princípio de que os autores existem, que eles fazem obras, vivem vidas e que essas obras e vidas são hoje disputadas pelas grandes corporações da internet que desejam tudo publicizar e obter lucro [...]” (Migliorin, 2015, p. 43), o artigo discute questões que envolvem a autoria das obras de arte e a sociabilidade em rede. Trata-se, pois, de uma crítica às corporações da mídia que buscam expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de licenças com menos restrições que o tradicional *copyright*, de modo a facilitar o seu compartilhamento e recombinação, sobretudo, na



ASSISTA AO VÍDEO



Trecho do documentário *Os Dias com Ele*

internet. Migliorin parece criticar o modo como o escritor enxerga esta, isto é, como um meio de transmissão daquilo que existe, desconsiderando que ela pode possibilitar mundos e engendrar processos subjetivos e políticos. Migliorin também critica o escritor no que se refere à oposição escola/internet: “Se colocas que a escola é transmissão, regra e trabalho, enquanto que a internet é prazer, futilidade e repetição, perdemos o melhor dos dois mundos, uma vez que a educação e a cultura não estão nem em um nem em outro, mas em redes [...]” (Migliorin, 2015, p. 48) das quais resultam novas formas de relações intelectuais, afetivas, sociais e políticas.

A quarta carta destina-se à cineasta Maria Clara Escobar. Nela, Migliorin faz uma análise do documentário *Os dias com ele* (Maria Clara Escobar, 2013), no qual a cineasta mergulha no passado quase desconhecido de

seu pai, Carlos Henrique Escobar, um militante na época da ditadura militar. Como salienta o autor, trata-se de “[...] um filme perturbador sobre a resistência de um personagem a uma filha que o deseja, como personagem histórico, como personagem fílmico e como pai” (Migliorin, 2015, p. 58). Nesse documentário, Migliorin dá destaque à tensão existente entre pai e filha, pois, durante a entrevista, ambos estão tentando inventar um lugar para si. Mas a crítica do autor não se dirige a essa tensão. A crítica, nesta carta, dirige-se especificamente ao pai. Para ele, as pessoas e o mundo não mereciam um filme sobre eles. Indignado, Migliorin faz duas interpretações possíveis dessa fala: ou o mundo é feito de pessoas inferiores aos dois, ou o mundo é maior que os dois e não merece o encontro deles. Ao fim, o autor discorda das duas, preferindo acreditar que o mundo merece sim este filme, pois as histórias de pai e filha, personagem e diretora, não mais os pertencem; antes, fazem parte do cinema e do mundo.

A quinta carta destina-se ao escritor Marcus Faustini. Retomando uma conversa que tivera com ele, Migliorin discute a questão da diferença e diz que só é possível discutir o assunto tomando a arte e os sujeitos que estão na vida. A arte permite uma intensificação da própria diferenciação, por conseguinte, dos possíveis sujeitos e comunidades. Os sujeitos fazem parte de um todo em transformação e se relacionam com forças, poderes e criações que os transformam e que são transformados por eles. Por isso, não podemos dizer que existem sujeitos diferentes uns dos outros, mas sujeitos que diferem em si mesmos. “O sujeito configura-se como atualizações de um agenciamento, de um emaranhado heterogêneo de afetos, estéticas, poderes, etc.” (Migliorin, 2015, p. 67). Daí que não podemos conhecer e transformar o sujeito



a partir de uma realidade. Por exemplo, diz o autor: para viver plenamente os seus processos subjetivos, um negro discriminado precisa afirmar “ser negro” para ter o direito de não sê-lo. Ou seja, ao afirmar ser negro, o sujeito de cor negra deixa de ser um produto do meio, que lhe dá uma identidade, e passa a entrar em um processo de subjetivação que é individual e coletivo, simultaneamente. Assim, ele deixa de ser “[...] a representação de um ideal definido pela história, pelo movimento, pela polícia, pela nova linha de cosméticos [...]” e passa a ser “[...] um ser negro que é em si uma transformação, diferença de si e do que esperamos que seja.” (Migliorin, 2015, p.70). Partindo dessa análise e colocando-se diante da política da diferença, Migliorin questiona: “como facilitar os possíveis se não sabemos quais sujeitos e comunidades se atualizam?” (Migliorin, 2015, p. 71).

A última carta destina-se aos professores. Nela, Migliorin fala da relação entre a universidade e o mercado de trabalho no capitalismo contemporâneo. Segundo o autor, nessa fase não interessa mais que o trabalhador saiba fazer, mas que ele saiba *ser*. A produção de subjetividade passa a ser o capital humano da empresa e a mercadoria-serviço nada vale se não for sustentada por capacidades relacionais. Isso acontece porque o mercado atual não trata mais os trabalhadores como na fase fordista, isto é, desprovidos de seus gostos, *hobbies*, família e lazer. Ao contrário, ele incorpora esses saberes e gestos e vai buscar nas universidades os “modos de vida” que o interessa. Na visão do autor, o mercado e a universidade estão em constante diálogo e é fictícia a ideia de separação entre estudar e trabalhar. Mas, apesar de existir esse diálogo, a universidade não pode ser pautada pelo mercado. “A pergunta ‘preparar ou não para o mercado’ corre o risco de colocar à sombra a im-

portância da universidade como espaço de invenção de novas formas de intervenção na sociedade e nos territórios.” (Migliorin, 2015, p. 79). Como diz Migliorin, formamos para a vida e não para uma capacitação imediatista.

Enfim, à espera de respostas, as cartas continuam friccionando nosso pensamento em torno da Educação, do Cinema e das Mídias Contemporâneas. Fruto de conversas, textos e filmes que o provocaram, o livro não foi pensado apenas para a leitura de especialistas e pesquisadores interessados no assunto. Sua linguagem é de fácil compreensão e nos instiga a conhecer todas as obras e autores com os quais está dialogando. Assim, encerro estes escritos fazendo um convite ao leitor para que conheça essa obra provocadora, instigante e atual de Cezar Migliorin.

Notas

- 1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares em Educação) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) (Praça Dom Helvécio, 74, Bairro Dom Bosco, CEP 36301-160, São João del-Rei/MG). E-mail: sabrinasgava@hotmail.com.
- 2 Doutor em Comunicação e Cinema (Eco UFRJ/ Sorbonne Nouvelle, Paris). Chefe do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma universidade, coordenador do Laboratório Kumã de pesquisa e experimentação da imagem e do som e co-coordenador do Seminário Temático da Socine: Cinema, estética e política: a resistência e os atos de criação. Ensaísta, pesquisa e publica sobre o cinema brasileiro, sobretudo o campo do

documentário em seus aspectos estéticos e políticos, e desenvolve projetos que envolvem Cinema e Educação. É autor do livro *A menina* e organizador do livro *Ensaaios no real: o documentário brasileiro hoje*, ambos editados pela Editora Azougue.